

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 219/2012

VELHOS AMIGOS GRANDES

Vou perdendo velhos amigos que tiveram ética, afetividade e grandeza em suas vidas de brasileiros. Agora foi Aloísio Teixeira, o grande Reitor da minha velha Universidade do Brasil que formou gerações da nossa elite, desde bem antes da minha, que foi a dos cinquenta.

Aloísio foi economista e professor, servidor público sempre, foi um dos nossos grandes pensadores, foi também executivo de excelência, no IPEA, na Prefeitura, como Secretário de Planejamento na minha sofrida gestão, e no Ministério da Previdência, como Secretário Executivo de Raphael de Almeida Magalhães. Teve posições políticas de esquerda sempre muito abertas e sustentadas na inteligência fina do seu bom senso. Tinha se libertado há pouco das responsabilidades pesadas da Reitoria, e estava projetando a realização sistemática de grandes debates públicos sobre questões relevantes do Brasil e do mundo. Com sua fala calma e seu humor sutil, iria entrar numa militância política em tom maior, depois da brilhante militância executiva.

Inesquecível a palestra que fez no Casa Grande ao fim do ano passado sobre a Universidade em nosso País, transcrita no livro lançado esta semana. A perda de um concidadão dessas qualidades é certamente sentida com muito pesar, especialmente no Rio, o espaço das suas realizações maiores; mas com certeza a perda do amigo Aloísio é ainda mais triste para aqueles que o conheceram na proximidade afetiva. A Universidade Federal do Rio de Janeiro estava lá em peso, em vera reverência, na última homenagem que a ele foi prestada na entrada da antiga Reitoria. Um detalhe amável e valoroso foi a bandeira do Botafogo em dignidade sobre o ataúde.

Uma semana antes, eu já tinha perdido outro amigo de grandeza larga e reconhecida, o Professor Antonio Carlos Peixoto, professor notável, historiador eminente, amigo antigo e querido, comunista da velha guarda, daquela geração de caráter, conhecedor profundo da nossa América Latina, com passagem marcante pela Science Politique da Sorbonne, em Paris onde nos preparou, há uns trinta anos, com as suas próprias mãos e seu talento culinário, um inesquecível peixe assado na casa de um outro amigo-irmão. Que pena eu senti. Pena pela perda definitiva e pena de não tê-lo procurado semanas antes para usufruir, uma última vez, de sua conversa e de seu saber.

Ainda mais uma semana antes do Antonio Carlos, foi a perda do Marcos Vianna, o jovem engenheiro da Vale do Rio Doce que dirigiu a obra extraordinária do Porto de Tubarão e foi, depois, reconhecidamente, o melhor Presidente do BNDES em toda a grandiosa história deste banco. Outro amigo antigo, desde os anos setenta, quando me chamava a participar em importantes funções da sua gestão, afrontando a proibição expressa do SNI, onde minha ficha era vermelha. Amizade renovada nos últimos anos através da música, uma das paixões da minha vida, que ele cultivou com afinco e bom gosto nas suas últimas décadas, promovendo em sua casa magníficas sessões das melhores produções operísticas de todo o mundo.

Enfim, amigos, eu tenho de parar um pouco, para ficar lembrando e pensando, com pesar e homenagem, nessas pessoas que preencheram partes muito relevantes e duradouras dessa minha vida afetiva que já vai longa. Acho que nenhum dos três acreditava em orações, mas eu, que acredito, faço-as por eles.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br